

“Pára quieto!!”

Costuma dizer-se que a mania é o outro lado da depressão. Não se quer com isto dizer que só os deprimidos têm “desculpa” para ter manias, até porque não é disto que falamos. Quando não queremos ou não podemos estar deprimidos, num movimento altamente desgastante, iludimos a tristeza e os outros com o deslumbre da euforia, do bom-humor, da piada constante, da energia inesgotável e de uma prontidão incrível para “andar para a frente”. No entanto, espreita a loucura e a tristeza numa gargalhada mais estridente, num tagarelar constante, nalguma coisa que se esconde dentro do olhar, curiosamente, à espera de ser adivinhado.

A hiperactividade, da qual hoje tanto se fala, imita um pouco este funcionamento. Por detrás de crianças-furacão moram crianças profundamente deprimidas, perdidas nos seus pensamentos, com dúvidas mas sem adultos que lhas possam deslindar. Compensam com a velocidade e a dispersão do gesto o que escasseia em atenção, e amor.

Mas há hiperactividade e hiperactividade.

A hiperactividade, enquanto categoria nosográfica, é multifactorial: há quem defenda causas ambientais e biológicas, mesmo neurodesenvolvimentais. As crianças com uma Perturbação de Hiperactividade Com Déficit de Atenção (DSM-IV) são crianças que, no seu desenvolvimento, indiciam um padrão de comportamento pautado por grande agitação motora, impaciência, irritabilidade e intolerância, normalmente agravado pela entrada na escola, onde o nível de exigência na realização de tarefas vai de encontro às capacidades efectivas dos sujeitos. A administração de ritalina, um conhecido estimulante, vai colmatar o que se pensa ser uma das causas desta perturbação: paradoxalmente, um nível de estimulação muito baixo faz com que estas crianças a procurem incessavelmente, em contextos e sob formas muitas vezes desadequados.

É esta “a” hiperactividade que julgamos sobrediagnosticada. Receita-se demasiada ritalina quando já Klein dizia que “só o Amor cura”, nas vertentes da aceitação, da contenção e do esclarecimento.

As dificuldades de entrada e de implicação na relação com o Outro, os impulsos agressivos, contra si ou contra outrém, a violência verbal, a oposição e destruição sem controle, as fugas, o roubo e as mentiras não são mais do que tentativas de distração da verdadeira falta de estimulação, desta vez, afectiva. São pregões de “Estou aqui!!” e de vazio, e da revolta contra o que se queria sentir e não se sente. O que aqui entra em linha de conta são as vivências familiares, o abandono e o desamparo sentidos por estas crianças, os segredos em que se vêem implicadas, a negligência por parte de quem lhas dá os contornos e a consistência...

Por fim, mas não menos importante, as expectativas dos pais em relação aos seus filhos, ao seu comportamento e personalidade, entram em confronto com a criança real que mora debaixo do mesmo tecto. A intolerância, desta feita, é da parte dos pais para com uma criança a viver debaixo do mesmo tecto, do mesmo apelido, mas que não corresponde à que mora dentro das suas cabeças. A inquietude saudável da exploração e da incorporação do mundo é censurada por pais e professores, principais agentes da confiança básica necessária à construção da própria personalidade, a braços com as próprias mistificações sobre ser-se criança.

Parar quieto é muitas vezes arriscar ouvir o vácuo em vez do eco que, reasseguradamente, se espera.